



Vol. 33, nº 2 (2026)

A HISTÓRIA E A LENDA NO TEATRO DE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA: EM CENA, *FANTASMAS EM VILA MARIA* (2021)

THE HISTORY AND LEGEND IN THE THEATER OF AGNALDO RODRIGUES DA SILVA: ON SCENE, GHOSTS IN VILA MARIA (2021)

Lucimaira da Silva Ferreira¹

Recebimento do texto: 18/01/2026

Data de aceite: 10/02/2026

Resumo: A obra teatral *Fantasmas em Vila Maria* (2021), de Agnaldo Rodrigues da Silva, ambientada em Cáceres (MT), entrelaça lendas, personagens históricos e figuras do imaginário popular, transformando a cena teatral em um espaço de reflexão sobre memória, cultura e patrimônio. O objetivo deste estudo é analisar como a dramaturgia de Agnaldo Rodrigues articula elementos da história e da oralidade local, promovendo uma crítica ao descaso com o patrimônio histórico e evidenciando o teatro como instrumento de resistência cultural e valorização da memória coletiva. A metodologia adotada fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, com leitura crítica da obra e revisão bibliográfica de referenciais teóricos sobre memória, cultura e oralidade, como Candido (2006), Eliade (2001) e Bayard (2002), permitindo compreender a interação entre personagens vivas, mortas, lendárias e sacras, bem como o modo como realidade, história e ficção se entrelaçam na narrativa.

Palavras-chave: História. Cultura. Memória. Mato Grosso. Dramaturgia.

Abstract: *Fantasmas em Vila Maria* (2021), a theatrical work by Agnaldo Rodrigues da Silva, set in the city of Cáceres, Mato Grosso, intertwines legends, historical figures, and elements of the popular imagination, transforming the theatrical stage into a space for reflection on memory, culture, and cultural heritage. This study aims to analyze how Rodrigues' dramaturgy articulates elements of history and local oral tradition, offering a critique of the neglect of historical heritage while highlighting theater as an instrument of cultural resistance and the preservation of collective memory. The research adopts a qualitative approach, based on a critical reading of the play and a bibliographic review of theoretical studies on memory, culture, and oral tradition, drawing on authors such as Candido (2006), Eliade (2001), and Bayard (2002). The analysis makes it possible to understand the interaction among living, dead, legendary, and sacred characters, as well as the ways in which reality, history, and fiction are intertwined throughout the narrative.

Keywords: History. Culture. Memory. Mato Grosso. Dramaturgy.

1 Considerações Iniciais

A produção artística cacerense começa a dar os primeiros passos no âmbito do teatro com a publicação do livro *Fantasmas em Vila Maria* (2021), escrito pelo dramaturgo e escritor Agnaldo Rodrigues da Silva, publicado pela Editora UNEMAT. Trata-se de uma peça na qual história e ficção se cruzam no espaço urbano e no imaginário popular da população da cidade de Cáceres, localizada no interior do estado de Mato Grosso.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: lucimaira.ferreira@unemat.br



É uma obra que tece importantes críticas ao patrimônio histórico-cultural de Cáceres. Fundada em 1778, com o nome de Vila Maria do Paraguai, em homenagem à rainha de Portugal, D. Maria I, conhecida como “a Louca”. Hoje, a cidade é denominada Cáceres, mudança oficializada em 1938. Percebe-se que o escritor utilizou o nome original da cidade para compor o título da peça, entrelaçando história, literatura e memória no espaço da arte.

Atualmente, a cidade bicentenária, localizada na região Centro-Sul do estado de Mato Grosso, conta com aproximadamente 100.000 habitantes e possui uma série de patrimônios culturais preservados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). É justamente nesse cenário que essa peça teatral foi construída. É por meio da mente fabuladora do escritor que, em todas as suas produções literárias, ele demonstra profundo respeito por seu lugar de origem. Em alguns de seus contos, também deixa claro o cenário de sua cidade natal, revisitando a memória cultural de seu povo, com suas crenças, lendas e lembranças.

Nesse contexto, essa obra nasceu do confronto entre momentos históricos distintos e a contemporaneidade vivenciada, enraizada em um passado distante. No livro, as personagens mortas, neste caso, homens e mulheres, representam as figuras históricas de Cáceres. Elas levantam-se dos seus túmulos, no Cemitério Central São João Batista, demonstrando toda a sua indignação diante do descaso político de certo grupo social com o patrimônio histórico de uma vila ficcional chamada Vila Maria. Assim, o escritor traz para si a responsabilidade de atuar junto à sociedade por meio da literatura, mesclando realidade e ficção de maneira instigante e crítica.

No texto cênico, um grupo de crianças, protagonistas do enredo, desenvolve todas as ações, tomando para si a missão de recuperar elementos da memória e da identidade de uma sociedade em crise, cujos membros, na trama, são convocados a repensar a valorização do patrimônio cultural público, seja material ou imaterial. Além disso, nota-se que, nesse livro, é atribuído um papel de destaque à rainha de Portugal, D. Maria I, que assume a frente das críticas sociais relacionadas ao patrimônio e conduz todo o julgamento que acontece na peça. Desse modo, percebe-se também que o escritor está sempre conectado à sua realidade e usa seu lugar de fala para tratar de assuntos relevantes, que, muitas vezes, ficam esquecidos por aqueles que se colocam como representantes da população, mas que, por meio da literatura, podem ser trazidos para a discussão, com o objetivo de buscar soluções para os problemas socioculturais.



Na construção do enredo, o dramaturgo nos leva a refletir sobre nossas histórias e memórias, enfatizando aspectos relacionados à cultura bicentenária da cidade. Tomando como ponto de partida uma travessura de Gui, Chico e Cidinha, que buscavam descobrir o paradeiro de um lobisomem, personagem bastante presente no imaginário popular, o autor nos revela uma aventura instigante que mescla as personagens da ficção, criadas pelo dramaturgo, com as lendas, as figuras históricas e os personagens do imaginário popular da região. Nessa peça, o autor apresenta vários personagens que se cruzam no mesmo cenário, entre lendas, pessoas reais e personagens de ficção. Cabe destacar que, na construção do enredo, são apresentados personagens da história oficial, tanto de um passado distante - mas não tão longínquo - quanto do presente. Em tom bem-humorado, a narrativa retrata o cotidiano sem comprometer a erudição do texto, respeitando o contexto histórico e o período de fala de cada arquétipo presente na trama.

A poesia também se revela em versos criados para compor a fala em momentos importantes do enredo, desencadeando uma velocidade melódica diferente da fala habitual, que, certamente, provocará no público um estranhamento. São poesias criativas que conferem bastante musicalidade ao texto cênico, tornando-o muito interessante de se ouvir e ver, e, em uma encenação da peça, isso faria toda a diferença.

A presença do sagrado e do profano, em diálogo com *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, constitui um importante recurso narrativo, contribuindo para a construção de reviravoltas que mantêm o interesse do espectador até a resolução dos conflitos. Sobre isso, Eliade (2001, p. 14) afirma: “seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso”. O homem deseja o sagrado, mas não consegue sair do seu mundo. Percebe-se que o cenário da peça está envolvido entre esses dois polos, sendo que ambos perpassam o mundo real e adentram o campo ficcional para além da realidade. Nota-se o importante destaque dado à figura de Nossa Senhora na peça, que desempenha papel fundamental no desfecho da narrativa, salvando toda a cidade e restabelecendo a paz.

Na aventura construída no texto, observa-se a composição de um enredo em que o dramaturgo entrelaça o plano terreno das personagens vivas ao plano sobrenatural das personagens mortas, às lendas e ao universo sacro, promovendo o encontro entre diferentes mundos. Desse entrelaçamento, institui-se a disputa pelo poder de dirigir a Vila, atualmente



governada pelos vivos, mas contestada pelos mortos. Estes, por sua vez, manifestam indignação diante do descaso com o patrimônio histórico, a cultura e a memória dos vultos que participaram do processo de fundação e desenvolvimento do lugar. Em suas falas, defendem que tais personagens históricos foram esquecidos e desvalorizados ao longo do tempo, embora sua importância para a constituição da cidade justifique o reconhecimento e a preservação de suas memórias.

A peça, dividida em três atos, provoca reflexão ao abordar questões visíveis e latentes na cidade de Cáceres. O descuido com os casarões, o desabamento literal e moral dos patrimônios, bem como o esquecimento dos feitos das personagens históricas que povoam a história oficial e as ruas da cidade evidenciam a relevância da obra para a preservação da memória cultural local, contribuindo, ainda, para futuras pesquisas sobre o patrimônio cacerense. *Fantasmas em Vila Maria*, também se destaca pelo humor e pela crítica social. O espaço das ações é prontamente reconhecido por quem conhece a cidade de Cáceres e permite que seja imaginado por aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de visitá-la. A articulação entre os planos real e fantasmagórico confere dinamismo à narrativa e evidencia a construção estética da obra. Ao acompanhar os conflitos encenados, o leitor e o espectador são convidados a refletir sobre as questões históricas, culturais e sociais que permeiam a narrativa.

Na composição do elenco de personagens, observa-se que elas se organizam em quatro grupos: vivas, mortas, lendas e sacras. Cada grupo apresenta características próprias. Entre as personagens vivas estão as crianças Gui, Chico e Cidinha. Também compõem esse grupo a ex-prefeita Nana, a líder das beatas e as demais beatas que participam da trama. Entre as personagens mortas figuram D. Maria I, rainha de Portugal; Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, quarto governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso; Antônio Pinto Rego e Carvalho, tenente de Dragões e fundador de Vila Maria (atual Cáceres), por determinação de Luís de Albuquerque; Dom Rolim de Moura, administrador colonial e governador de Mato Grosso; e o Bobo da Corte. No terceiro ato, soma-se a esse grupo Theodore Roosevelt, integrante da Expedição Científica Rondon-Roosevelt, ocorrida entre 1913 e 1914.

A Expedição Rondon-Roosevelt teve início em Cáceres, às margens do Rio Paraguai, em Mato Grosso. Também figuram entre as personagens o coronel José Dulce, proprietário da firma José Dulce & Cia. e do vapor Etrúria; o marechal Rondon, engenheiro



militar e sertanista brasileiro, conhecido pela exploração de Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental; e Sabino Vieira, médico e líder político revolucionário brasileiro, reconhecido como o principal líder da revolta emancipacionista e republicana ocorrida na Província da Bahia, conhecida como Sabinada.

Também integram o elenco de personagens o Major João Carlos Pereira Leite, desembargador, jornalista e político brasileiro, herdeiro da Fazenda Jacobina, localizada no território de Cáceres, e Aninha Bananinha, personalidade cacerense que, após a morte, passou a integrar o imaginário popular. Entre as personagens lendárias figuram o Lobisomem, a Mulher de Branco (personagem da lenda urbana “Cumbaru de Ouro”) e o Minhocão, personagem do imaginário popular cacerense. Já entre as personagens sacras estão Nossa Senhora e São Luiz.

Diante do exposto, a diversidade de personagens que compõem *Fantasma em Vila Maria* (2021) reforça a complexidade da construção dramática da peça, ao reunir figuras históricas, personagens ficcionais, elementos do imaginário popular e do universo sacro em uma mesma narrativa. Essa articulação contribui para o entrelaçamento entre história, memória, patrimônio e ficção, aspectos que estruturam o enredo e orientam o desenvolvimento da obra. A partir dessa composição, torna-se possível compreender a organização da trama e os espaços em que ela se desenvolve, elementos que serão abordados na seção seguinte.

2 Esquema da trama e cenários

A trama organiza-se em três atos. O primeiro é composto por três cenas, cujos acontecimentos se passam no cemitério. Nele, estão envolvidas personagens vivas, mortas e lendárias. O segundo ato também é composto por três cenas, ambientadas na Avenida Sete de Setembro, em Vila Maria do Paraguai, atual Cáceres. Nesse ato, as personagens Theodore Roosevelt, coronel José Dulce, marechal Rondon, Major João Carlos Pereira Leite e Aninha Bananinha estão vivas. Já o terceiro ato é composto por três cenas, cujos acontecimentos se desenvolvem em três *settings*: Catedral de São Luiz, Antiga Câmara Municipal e Praça Barão do Rio Branco. Além das personagens vivas, mortas e lendárias, participam da trama os mortos-vivos (zumbis), humanos infectados pelos mortos por meio de mordidas. Nesse



ato, as personagens Theodore Roosevelt, coronel José Dulce, marechal Rondon, Major João Carlos Pereira Leite e Aninha Bananinha figuram entre as personagens mortas.

Na construção da peça, Agnaldo Rodrigues desenvolve uma escrita marcada pela articulação entre história, memória e ficção, conduzindo o leitor à construção do universo ficcional. Outra característica de sua produção literária é a forma como articula as diferentes temporalidades em suas narrativas. Desse modo, passado e presente entrelaçam-se, permitindo que as personagens vivenciem histórias vinculadas a diferentes tempos e proporcionando que aspectos da realidade se confundam com a imaginação no terreno da dramaturgia.

Nesse sentido, por meio da arte literária, podemos compreender como tudo isso aconteceu ao longo da história, tendo em vista que a literatura está para a sociedade assim como a sociedade está para a literatura, constituindo uma relação indissolúvel de reciprocidade. A obra é fruto de uma iniciativa individual, reflete o sujeito que a produz, ao mesmo tempo em que esse sujeito é constituído pela obra e por sua condição social, conforme defende o crítico literário:

A posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. No nosso caso, importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de arte, e como define a sua posição na escala social, o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados; em seguida, as condições em que se diferenciam os grupos de artistas; finalmente, como tais grupos se apresentam nas sociedades estratificadas (Candido, 2006, p. 34).

A literatura carrega em suas mãos um campo do saber ilimitado, relacionado à condição social das possíveis personagens que compõem seus contos, poemas, novelas, romances, entre outros gêneros literários. É nesse contexto que surge o escritor que, imerso nessa realidade social, torna-se fruto dela e nela atua de forma livre e ativa, inspirando-se para a construção de personagens diversas e intensas. Desse modo, o autor cria seres fictícios, inspirados ou não em pessoas reais que vivem em nosso meio social, os quais compõem o universo literário em que ele está inserido e do qual também faz parte.

O escritor nasce em um meio social moldado muito antes de sua existência e de constituir-se como escritor. É nesse contexto que cria seu universo ficcional e o mundo de seus personagens. Assim, constrói um universo paralelo, no qual pode inspirar-se na sociedade em que está inserido, retratando tipos sociais em suas produções. Sob essa



perspectiva, o escritor Agnaldo Rodrigues da Silva insere-se no cenário da dramaturgia mato-grossense com seu primeiro texto cênico, dedicado à história e à memória de Cáceres.

Cada situação da vida real transforma-se, por meio da escrita do autor, em matéria para sua produção literária. Em um movimento de reciprocidade, a ficção também permite novas formas de compreender a realidade que a inspira. Enquanto leitores, visualizamos as personagens e os cenários da peça sob diferentes perspectivas, uma vez que muitos deles dialogam diretamente com os espaços e as referências históricas da cidade de Cáceres. O elo entre autor, obra e público revela-se de maneira significativa ao longo da narrativa:

Este ponto de vista leva a investigar a maneira por que são condicionados socialmente os referidos elementos, que são também os três momentos indissolivelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da comunicação artística, como autor, obra, público. A atuação dos fatores sociais varia conforme a arte considerada e a orientação geral a que obedecem às obras. Estas podem dividir-se em dois grupos, dando lugar ao que chamaríamos dois tipos de arte, sobretudo de literatura, e que sugiro para fixar as ideias em vista da discussão subsequente, não com o intuito de estabelecer uma distinção categórica: arte de agregação e arte de segregação (Candido, 2006, p. 32).

Nessa perspectiva, o autor afirma que o ato completo da linguagem depende da interação entre essas três partes, pois, sem essa relação, possivelmente não haveria sucesso nas obras literárias, haja vista que a ligação dessa tríade é fundamental para a constituição do fenômeno literário. Desse modo, observa-se a relação existente entre quem lê e quem produz. Seguindo sua necessidade interior, o autor, aos poucos, vai moldando sua criação, construindo suas personagens de acordo com seu meio social e sua realidade, conferindo-lhes efeito de real, enquanto o público, ao ler a obra, torna-se capaz de interiorizar essas ações e relacioná-las ao seu universo, à sua vida particular e à experiência coletiva.

Na linguagem teatral, a literatura amplia as possibilidades de representação artística. No texto cênico, o autor apresenta-nos toda a conjuntura social, histórica, política e cultural que permeia a construção da narrativa sobre Cáceres. Silva (2021) traz para a cena personagens diversificadas, carregadas de características próprias e representativas de diferentes camadas sociais. Ao refletir sobre a forma como a sociedade influenciou esse escritor em suas produções, observa-se que esse livro abarca elementos da ficção, da cultura e da história, que se cruzam em um cenário plural e multifacetado.



3 História, Cultura e Memória no contexto da Contemporaneidade

Fantasmas em Vila Maria (2021) exhibe, em sua narrativa, elementos da história, da cultura e da memória da cidade e do povo cacerense. Personagens pitorescos, como Aninha Bananinha, evocam, na obra, lembranças peculiares dos tempos antigos da cidade. No livro, essa personagem é apresentada como morta. Conta-se que ela andava pela cidade falando sozinha e expressava-se de maneira áspera. Entretanto, essa postura pode ser compreendida como uma forma de defesa diante de um mundo em que era frequentemente ofendida, ridicularizada e menosprezada em razão de sua condição social marginalizada. Moradora dos fundos da antiga Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), no bairro Cidade Alta, Aninha Bananinha tornou-se uma figura emblemática do imaginário popular cacerense e, mesmo após sua morte, permanece viva na memória coletiva da cidade.

Em sua homenagem, foi construído um monumento nas dependências da SICMATUR, no centro da cidade de Cáceres. Relatos da tradição oral descrevem-na como uma mulher que usava roupas coloridas e chamativas, embora discretas, mantendo uma postura considerada respeitosa. Também era reconhecida por expressar suas opiniões de forma direta, recorrendo, por vezes, a palavras ríspidas, razão pela qual muitos a classificavam como “doida”. Entretanto, pouco se conhece sobre sua trajetória de vida. A escassez de registros documentais faz com que sua memória seja preservada, sobretudo, pela tradição oral, transmitida de geração em geração por pessoas que conviveram com ela ou conheceram sua trajetória.

Esse livro traz para a cena a figura dessa mulher que viveu na cidade de Cáceres e que hoje integra o imaginário popular cacerense. Ao incorporá-la à narrativa, a obra dá visibilidade a essa mulher simples e humilde, resgata sua trajetória e apresenta sua história de forma pioneira às novas gerações. Hoje, ela compõe a memória da cidade e constitui uma importante referência da cultura local. Sua trajetória consolidou-se como parte da memória afetiva do povo cacerense, permanecendo viva na história, na literatura e na cultura da cidade. Sobre esse processo, Bayard (2002, p. 21) afirma: “A migração dessas histórias, desses contos, portanto, nos é desconhecida e podemos quanto muito construir teorias mais ou menos plausíveis conforme nossa imaginação”. Nesse ínterim, a oralidade constitui uma importante fonte para a preservação das tradições, da história e da memória de um povo. Por



meio dela, conhecimentos, experiências e modos de vida são transmitidos entre gerações, contribuindo para a preservação da identidade cultural e da memória coletiva.

No livro em questão, figuram outros personagens de fundamental importância para a construção da narrativa, como o Minhocão e o Lobisomem, ambos considerados personagens lendários. A lenda do Minhocão constitui um rico exemplo da cultura folclórica brasileira. Mais do que uma simples narrativa, ela representa a relação do homem com o meio ambiente e sua busca por explicações para os mistérios da natureza. Por meio dessa tradição, compreendem-se aspectos da história e da cultura do povo cacerense, bem como suas crenças e valores. Tradicionalmente, a lenda do Minhocão está associada a lugares próximos a cursos d'água, especialmente a cidades banhadas por rios, uma vez que a criatura é descrita como habitante das profundezas dos rios e lagos, sendo representada como um ser monstruoso que emerge das águas.

Dessa forma, o Minhocão de Cáceres também carrega essas particularidades, pois conta-se que esse monstro está amarrado por três fios de cabelo de Nossa Senhora sob a Catedral de São Luiz de Cáceres, protegendo a cidade do mal. Outra personagem lendária presente na obra é o Lobisomem, que desempenha papel central em parte da narrativa, ao assumir a função de “advogado” na luta entre o bem e o mal. As lendas sobre lobisomens existem há milhares de anos e podem ser encontradas em diferentes culturas. No Brasil, essa tradição também está presente, assumindo características próprias conforme o contexto cultural de cada região. A figura do lobisomem continua a inspirar artistas e escritores e permanece despertando a curiosidade e o medo dos leitores e das diferentes gerações, como se observa na obra.

Considerações Finais

A análise de *Fantasmas em Vila Maria* (2021) permitiu compreender que a dramaturgia de Agnaldo Rodrigues da Silva constitui um importante espaço de preservação da história, da cultura e da memória cacerense. Ao entrelaçar personagens históricas, lendas, tradições populares e espaços emblemáticos da cidade, a obra reafirma o potencial da literatura como instrumento de valorização da identidade cultural e da memória coletiva.

A obra insere-se nesse contexto como um exercício de resistência cultural e de valorização da memória coletiva. Ao entrelaçar lendas, personagens históricos e elementos



do imaginário popular, constrói um tecido narrativo rico em significados, que resgata tradições e evidencia a importância da oralidade na formação da identidade cacerense. Poesias, músicas, paródias e contos presentes na peça revelam a pluralidade de linguagens que compõem a cultura local, transformando o texto em um importante registro simbólico do patrimônio cultural.

Conclui-se, portanto, que publicações como esta ampliam o papel da cultura na vida social, ao mesmo tempo em que despertam a consciência crítica sobre a preservação do patrimônio histórico. A leitura da obra possibilita o reconhecimento de sua riqueza estética, histórica e cultural, evidenciando o teatro como uma importante manifestação artística capaz de promover reflexão e transformação social. Dessa forma, Agnaldo Rodrigues firma-se no cenário da dramaturgia mato-grossense e contribui para o fortalecimento da memória, da história e da identidade cultural de Cáceres.

Referências

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. **Agnaldo Rodrigues da Silva: Biografia**, 2025. Disponível em: <https://academiamtdeletras.com.br/agnaldo-da-silva/itemlist/category/36-agnaldo-da-silva>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BAYARD, J. P. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. **Vem aí: D. Maria I, a rainha louca**, é tema de exposição na Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/vem-ai-d-maria-i-a-rainha-louca-e-tema-de-exposicao-na-biblioteca-nacional-3>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, A. R. **Fantasmas em Vila Maria**. Cáceres: Editora Unemat, 2021.